

Thábata Camargo

Vandressa Veline

RELATÓRIO DO LIVRO-REPORTAGEM

Funk, a trilha sonora do Caos

O ritmo da periferia em uma casa noturna da elite de Campinas

Relatório do projeto experimental, apresentado ao Departamento de Comunicação Social (DCSO), da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação - FAAC - UNESP Bauru-SP, para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo, sob orientação do Prof. Dr. José Carlos Marques.

Bauru - SP

2019

Thábata Camargo

Vandressa Veline

RELATÓRIO DO LIVRO-REPORTAGEM

Funk, a trilha sonora do Caos

O ritmo da periferia em uma casa noturna da elite de Campinas

Relatório do projeto experimental, apresentado ao Departamento de Comunicação Social (DCSO), da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação - FAAC - UNESP Bauru-SP, para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo, sob orientação do Prof. Dr. José Carlos Marques.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Carlos marques

Orientador

Prof. Dr. Maximiliano Martin Vicente

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP)

Prof. Dr. Ângelo Sottovia Aranha

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP)

Agradecimentos

Antes de tudo, vem o Caos. E com ele, muitas possibilidades e tanto a se contar. Uma gratidão especial à casa que nos recebeu e toda sua equipe, pela paciência com duas jornalistas curiosas, em busca de tudo, que saíram com mais do que podiam esperar.

Às nossas famílias queridas, pelo apoio incondicional e suporte de nossas ideias, por mais loucas que pareciam ser. O resultado do que somos e do que construímos é por causa de vocês e por vocês.

Aos nossos amigos, por entenderem nossa ausência nos últimos meses e nos corresponderem com amor e torcida imensuráveis.

Em especial à Vandressa, minha dupla e parceira, desde o primeiro dia de Unesp - Bauru, por topar esse mar de responsabilidade comigo, e mesmo assim, fazer com que a experiência fosse leve, divertida e sensacional. Tenho muito orgulho do nosso projeto e do que construímos.

Gratidão especialmente a minha irmã Thábata que desde do início aceitou essa aventura de fazer o TCC comigo, e que mesmo com as adversidades da distância, trabalho e estágio, nos mantivemos conectadas e fortes para a produção deste trabalho.

Conhecendo as duas avoadas, topou participar logo de primeira, entrou de cabeça em nosso tema, nos direcionou e encontrou caminhos em meio às adversidades. Por botar fé em nós, agradecemos ao nosso orientador, Zeca.

Por fim, o carinho imenso à Universidade Estadual Paulista - Unesp de Bauru. Pelos caminhos das salas 70s, repletas de amigos e tanto conhecimento a se dividir. Dividir e compartilhar.

Gratidão.

RESUMO

O projeto experimental trata-se de um livro-reportagem sobre a trajetória do Caos, uma casa noturna de elite de música Eletrônica, que se voltou ao Funk, ritmo carioca nascido na periferia. A pesquisa confrontou as intenções, as divergências, particularidades e personagens envolvidos no projeto e a forma como o estilo foi englobado no local. Por meio da “Funk U”, o Caos se moldou ao estilo da demanda comercial em alta. O livro-reportagem utilizará o jornalismo literário para narrar uma noite de Funk dentro de um galpão industrial em um bairro nobre de Campinas, desde a festa em si, até os bastidores do evento.

Palavras-chave: livro-reportagem; Funk; Campinas; Caos; Groove House; Baile

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	8
3. METODOLOGIA DE EXECUÇÃO	9
4. DESCRIÇÃO DO PRODUTO	12
4.1. Público-alvo	12
4.2. Projeto Gráfico-Editorial	12
4.3. Custos de execução	13
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	13
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	15
7. ANEXOS	17

1. INTRODUÇÃO

O presente material nasceu da curiosidade em relação a uma cultura tão vasta como a música Funk.

Escolhemos como personagens uma casa noturna localizada na cidade de Campinas, interior de São Paulo. Apuramos as fontes levando em consideração fatores divergentes, a cidade foi escolhida devido à sua proximidade com a cultura Sertaneja. Já a casa noturna, o Caos, apesar de sua localização, foi construída para abrigar o público elitizado de música Eletrônica, mas passava por um processo de abertura artística, englobando outros estilos, como o Hip Hop e o Funk.

A pluralidade de estilos manifestada no Caos firmou nosso interesse e nos levou aos contadores dessa história. De funcionários à frequentadores, todos os pontos de vista convergiram para a construção da estrutura dos eventos.

O ponto de partida foi observar de que forma uma casa noturna de elite poderia se apropriar de uma cultura periférica, uma vez que o estilo é marcado pelo preconceito, distanciamento social e repúdio ao gênero e aos bailes da comunidade.

As culturas populares, produzidas por pobres, negros e moradores do subúrbio, provocam um incômodo na sociedade conservadora. Assim como o samba em 1945, queríamos transpor essa realidade para o tempo contemporâneo, onde o desconforto da vez é gerado pelo crescimento dos bailes de favela e dos artistas de Funk.

Em décadas diferentes, o mesmo cenário se repete no Brasil, dessa vez com o Funk Carioca. Criado em 1970, a partir da mistura de ritmos americanos como o Hip Hop e o Soul, o ritmo cresceu a partir dos anos 2000, com maior relevância na mídia por conta da divulgação em redes televisivas, rádios e com a explosão do Furacão 2000.

“Apesar de todas as tentativas de repressão, o funk começa a ter ainda mais espaço na mídia. No decorrer da década de 1990, já era

tocado em várias emissoras de rádio e a equipe Furacão 2000 passou a ter um programa em rede nacional na CNT sobre os destaques do funk. A exposição em grandes veículos de comunicação, como o programa da Xuxa na Rede Globo (discotecado por DJ Marlboro por 4 anos) popularizou e difundiu o ritmo fora do âmbito da favela. O baile, nesse momento, deixa de ser exclusivamente frequentado pela população de baixa renda, atraindo também jovens de classe média e alta, fenômeno que continuou acontecendo no decorrer do novo milênio e se estende até nos dias atuais.” (BESCHIZZA, Christhian. 2014, p. 11)

Seria o Caos um agente de mudança dessa realidade ou apenas um apropriador do progresso comercial da cultura da periferia?

À primeira vista, nos deslumbramos com a imagem aparentemente perfeita de inclusão social e musical. Porém, o olhar mais próximo desvenda motivações e divergências entre discursos e a execução do projeto em si.

A relevância dessa discussão e a ausência de pesquisas sobre o tema, nos motivou a mergulhar nas histórias do Funk, como movimento cultural, do Caos, como estrutura elitizada, e do Funk dentro do Caos.

Por meio da narração do 4º evento que a casa promoveu sobre o gênero em questão, a Funk U, ocorrido no dia 31 de julho, das 22h às 06h; e de dados informativos coletados de entrevistas e pesquisas bibliográficas, nos levaram a materialização deste um produto jornalístico, literário e crítico.

Como resultado do trabalho e do olhar jornalístico, criamos uma atmosfera de reflexão acerca de um tema crescente e passível de debate sobre os limites de transpor uma cultura para fora de sua natureza. Fornecemos detalhes de ambos os lados capazes de informar e formar opiniões. Ao final da leitura, se tem em exposição a análise crítica de uma realidade que se apropria de partes que lhes convém, deixando de lado a diretriz mais importante: sua origem.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A escolha pelo formato narrativo possibilitou uma maior liberdade de descrições e de nossas percepções sobre o que vimos, ouvimos e presenciamos. Nesse contexto, pudemos contar com maior profundidade as histórias do Funk dentro do Caos. Relembrar por meio de palavras o que vivemos, abriu possibilidades críticas de revisar a realidade.

Significa potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lead, evitar os definidores primários e, posteriormente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. No dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente embrulhar o peixe na feira (PENA, 2006, p.13).

Somente o livro-reportagem conseguiria contemplar todas as lacunas que completam a história, sem a limitação de espaço próprio das mídias de comunicação mais tradicionais, como reportagens veiculadas em rádio, televisão e internet.

O livro-reportagem cumpre um relevante papel, preenchendo vazios deixados pelo jornal, pela revista, pelas emissoras de rádio, pelos noticiários da televisão, até mesmo pela internet quando utilizada jornalisticamente nos mesmos moldes das normas vigentes na prática impressa convencional. (LIMA, 2009, p. 4).

Por se tratar de uma temática passível de amplas discussões e diferentes abordagens opinativas, é necessário que o conteúdo escrito seja crítico, que mostre a personalidade e o olhar de suas autoras. O livro permite que sejamos sinceras e abertas sobre nossas reflexões, sem a obrigação de ser imparcial, nem nos subordinarmos a uma determinada opinião.

(...) o livro-reportagem oferece maior gama de possibilidades e amplitudes. Os recursos de 'documentar' pode ser usado e abusado. Não há porque tratar o fato o acontecimento gerador da 'pauta' em primeiro plano. Ocorre, isso sem, um desdobramento da 'situação' e da 'questão' envolvidas. Assim,

a matéria ganha em fundamentação e sustentação, pois trata-se de uma coleta de dados ainda mais criteriosa (VILAS BOAS, 1996, p.93).

O objetivo da narração foi abordar os diferentes discursos coletados, sem perder a essência e as particularidades de cada um deles. Por isso, cada capítulo é dedicado a uma persona, construída tanto por nossas percepções pessoais, quanto das entrevistas cedidas a nós.

Exerce papel parecido, em princípio, ao do livro-perfil. Mas ao contrário deste, não focaliza uma figura humana, mas sim uma região geográfica, um setor da sociedade, um segmento da atividade econômica, procurando traçar o objeto em questão. (LIMA, 1993, p. 53)

Ao todo, o relato final se constrói a partir da reconstituição de um evento, sua produção e seus resultados. Nos inserimos nesse universo, ora como participantes, ora como observadoras, para tentar reproduzir todas as inconsistências e esferas, além do que se pode ver superficialmente.

Trata-se do relato do entrevistado sobre algo de que ele participou ou a que assistiu. A reconstituição do evento é feita, aí, do ponto de vista particular do entrevistado que, usualmente, acrescenta suas próprias interpretações. Em geral, esse tipo de depoimento não se limita a episódios em que o entrevistado se envolveu diretamente, mas inclui informações que teve acesso a impressões subjetivas (LAGE, Nilson. 2001, p.75).

3. METODOLOGIA DE EXECUÇÃO

Em Junho de 2019, os desejos de apresentar um trabalho de conclusão de curso sobre o Funk nos colocaram em sintonia, já era uma ideia antiga, mas encontramos uma na outra o apoio para dar asas ao projeto.

A compatibilidade de momentos profissionais também foi suporte para que nos juntássemos. Como amigas, nos conhecemos no primeiro dia de aula e queríamos concluir esse ciclo da graduação juntas.

Inicialmente, tínhamos propostas diferentes em relação ao que queríamos abordar com um TCC de Funk. Conforme as dificuldades foram surgindo, fomos moldando a nossa ideia e nos adaptando para maior viabilidade de execução.

Trabalhando em cidades diferentes, a distância não impossibilitou o progresso do livro. Para nós era importante que cada palavra fosse escrita em conjunto, para que desse fluidez à leitura, e também para que o resultado tivesse a nossa cara, nossa personalidade.

Durante todo o processo de escrita, estávamos em reunião via ligação de vídeo de WhatsApp (aplicativo), o que possibilitou a troca de ideias simultânea e a reconstituição de todas as vivências e entrevistas.

A primeira ideia era fazer um comparativo de um Baile de Favela com um Baile de Elite. A dificuldade em encontrar fontes e entrar na comunidade impossibilitou que enxergássemos dois lados da situação. Acreditamos que seria completamente invasivo se chegássemos nas comunidades de Funk como meras observadoras, sem vínculos com as pessoas que lá vivem.

Diante dessa dificuldade, percebemos que não precisaríamos, necessariamente, vivenciarmos ambas as situações para construir uma crítica social. Existem diversas formas de levantar essa discussão, e optamos pela pesquisa-ação em uma casa noturna de elite. Através da vivência e da observação *in-loco* da realidade do lugar e de sua ressignificação a partir de movimentos comerciais.

Dessa forma, não perderíamos o olhar crítico da comparação entre dois mundos opostos, procuramos por uma situação onde houvesse a apropriação da cultura da periferia, da cultura do Funk, em um ambiente elitizado.

Pensamos em produzir esse produto na cidade de Bauru, cidade esta que nos acolheu durante quatro anos, tínhamos a ideia de dar um retorno social para a cidade. Entretanto, em conversa com nosso orientador, foi nos aconselhado definir

Campinas como o foco do estudo, por conta da proximidade com a cidade de trabalho de uma de nós, e também por ser uma cidade essencialmente voltada à música Sertaneja. O que nos forneceria um palco interessante de discussão, observar o Funk em uma cidade que não tem apego pelo estilo.

A definição das fontes começou através de um colega de trabalho, Victor Lopes. Próximo do gênero e frequentador da festa abordada no projeto, apresentou-nos os contatos do produtor da Funk U, André Barberio.

Logo no primeiro contato, a produção se mostrou interessada em participar e conceder entrevistas. Marcamos a entrevista com André na tarde do dia 31 de Julho, o dia em que aconteceria a 4ª edição da Funk U.

O encontro se sucedeu no próprio Caos, às 16h. Fomos apresentadas tanto ao galpão industrial onde se localiza a casa noturna, quanto aos produtores do evento. Ao término da entrevista, fomos convidadas a comparecer à festa, com início às 22h.

Chegamos com uma hora de antecedência, para que conseguíssemos conversar com as equipes do evento: Gerência, Segurança, Bar e Limpeza. Em cada segmento, ouvimos tanto supervisores quanto funcionários, para que fosse possível captar divergências nos discursos.

Além das entrevistas, permanecemos na festa como participantes e observadoras, como forma de entender o público local e o andamento do evento.

O próximo passo foi digerir tudo que vimos, ouvimos e decupar as entrevistas. Com todo o material em mãos, mais as pesquisas bibliográficas sobre a história do Funk, montamos um escopo do projeto, com a ordem e a forma que queríamos contar a história, a partir de nosso ponto de vista.

Começamos a escrever o primeiro capítulo no início de Setembro. Desde então, nos encontramos diariamente por ligação de vídeo, a fim de construirmos o livro-reportagem em sua totalidade.

A primeira versão foi entregue ao orientador na primeira semana de Outubro. Com seu retorno, revisamos e entregamos a segunda versão uma semana depois. Após novo relatório de melhorias, entregamos a versão final no dia 17 de Outubro.

Corrigido e finalizado, nos reunimos com uma diagramadora, onde apontamos nossas ideias sobre as artes que compõem a obra. A concepção era trazer visualmente a sensação de se estar lendo um caderno de anotações, com todas nossas impressões de ambiente e espaço.

A primeira diagramação deu errado, a profissional contratada não entregou o que gostaríamos e precisamos correr contra o tempo para encontrar outra pessoa disposta a trabalhar em curto prazo.

Sobre a impressão do projeto, buscamos por uma gráfica que contemplasse as exigências de impressão que precisávamos, como tipo de folha e prazo de entrega.

Com tudo encaminhado, definimos junto ao nosso orientador os profissionais que comporiam a banca e a data de apresentação, prevista para o dia 6 de Dezembro.

4. DESCRIÇÃO DO PRODUTO

4.1 Público-alvo

O produto foi planejado para englobar toda a comunidade envolvida com a música, principalmente o Funk. O formato foi construído de forma a despertar o interesse de jovens e adultos próximos à temáticas culturais e críticas, abertos à debater sobre movimentos da periferia em contraponto às apropriações da elite. Ainda, foi produzido para atender aos demais interessados em ler, aprender e expandir suas lentes e capacidades reflexivas.

4.2 Projeto Gráfico-Editorial

Para a estruturação visual do projeto “Funk, a trilha sonora do Caos”, queríamos contemplar a ideia de um caderno de anotações, uma vez que toda a redação está focada em nossas impressões e pontos de vista.

A designer Luiza Marcondes foi a responsável por tornar realidade nossas ideias.

Como um papel em branco, para lembrar a estrutura física do Caos, trouxemos o minimalismo e o ar rústico, e ao mesmo tempo e a explosão de cores da Funk U (azul e rosa).

As artes presentes dão vida ao galpão industrial descrito em forma de rabiscos, como se fosse nós mesmas a desenhar no momento que adentramos o Caos. Quisemos trazer a mesma sensação que sentimos para o nossos leitores, por isso a mescla do jogo de cores em preto, branco, cinza, azul e rosa.

4.3 Custos de execução

Os custos compreendem a locomoção para a realização das entrevistas, da cidade de Marília para Campinas (372 km de distância) - gasolina, pedágio, estacionamento e custos de alimentação.

Os trabalhos contratados de diagramação e ilustração, o primeiro com o custo de R\$ 400, o segundo de R\$ 130.

A impressão de dez exemplares na gráfica escolhida ficou com o custo de R\$ 466,99.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto “Funk, a trilha sonora do Caos” nos trouxe, pessoalmente, a noção de responsabilidade, não apenas com relação à prazos e entregas, como também no que diz respeito ao falar de uma cultura que não nos pertence.

Nos permitiu conhecer pontos de vista e realidades inéditas para nós. O contato com as fontes foi muito importante e construtivo, pelo compartilhamento de vivências, experiências e pela oportunidade de ouvir terceiros sobre assuntos que nos interessam.

Em uma edição da Funk U, fizemos parte do espaço como observadoras e participantes, possibilitando o contato com quem a produz, trabalha e participa.

Como resultado, percebemos que o mercado traz consigo uma pressão e um imediatismo que causam falhas no cuidado com a representação de uma outra cultura. No caso do Caos, ao mesmo tempo em que houve a apropriação do Funk, o mesmo foi ressignificado dentro de um contexto de elite, fora da periferia. Por esse motivo, entende-se que, mesmo com o lucro conquistado com uma cultura de favela, não permite-se que o “funkeiro raiz” participe. O público é selecionado de forma indireta pelos preços cobrados de acordo com o padrão da casa, sendo irrelevante a origem do estilo.

O contexto mencionado acima serviu de reflexão pessoal e crítica nas páginas que compõem o livro-reportagem.

Outro desafio, como escritoras principiantes, foi colocar um texto, com o qual temos apego pessoal, aberto à olhares criteriosos.

Esperamos, assim, poder compartilhar a mensagem de que devemos dar valor à diferentes culturas, independente de sua origem.

Em uma visão global, acreditamos ter conquistado com o trabalho a mediação da informação de maneira cautelosa, de forma a propor ao leitor uma visão crítica, característica do trabalho jornalístico.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas. o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura.** Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura.** 4ªed. Barueri: Manole, 2009.

LAGE, Nilson. **A reportagem - Teoria e Técnica da entrevista e pesquisa jornalística.** Rio de Janeiro: Record, 2001.

PENA, F. **Jornalismo Literário.** São Paulo: Contexto, 2006.

VILAS BOAS, S. **O estilo magazine: o texto em revista.** São Paulo: Summus, 1996.

VIANNA, Hermano. **O Baile Funk carioca: festas e estilos de vida metropolitanos.** Dissertação de Mestrado em Antropologia. Rio de Janeiro: UFRJ, 1987.

BESCHIZZA, Christhian. **Uma Introdução ao Funk Carioca: trajetória inicial e um guia bibliográfico para futuras pesquisas.** Universidade Federal de Uberlândia, 2014.

BIBLIOGRAFIA ONLINE

https://g1.globo.com/google/amp/pop-arte/musica/noticia/2019/07/22/kondzilla-defende-filtro-de-palavrao-no-funk-e-diz-que-mcs-se-deixaram-seduzir-por-duetos-com-sertanejos.ghtml?_twitter_impression=true

<https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/como-mc-fiotti-usou-flauta-de-bach-em-producao-caseira-e-transformou-bum-bum-tam-tam-em-aposta-mundial.ghtml>

<https://playbpm.com.br/entrevistado-7-eli-iwasa/?fbclid=IwAR3jfwzkJKMKMVxZ6BBzxtFkQl87L-0LLvc2SBzkgQBRLqB70vX9QoKUPNQ>

<http://www.housemag.com.br/www/noticia/5208-do-kraft-ao-club-88-14-anos-de-historia-ajudando-a-transformar-a-cena-no-interior-paulista.html>

<http://beatforbeat.com.br/site/caos-review/>

<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-40598774>

<https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/2016/lei-16310-20.09.2016.html>

<http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/contlei.nsf/f25571cac4a61011032564fe0052c89c/78ae3b67ef30f23a8325763a00621702?OpenDocument>

<https://www.dicionarioinformal.com.br/vip/>

<https://www.b9.com.br/shows/mamilos/mamilos-170-vou-passar-cerol-na-mao/>

<https://www.youtube.com/watch?v=1T7-6aWp7Hs>

<https://rockcontent.com/blog/maiores-canais-do-youtube/>

<https://www.facebook.com/events/410259546253020/>

<https://www.facebook.com/ocaos019/>

<https://www.facebook.com/funkufesta/>

<https://www.instagram.com/caoscampinas/?hl=pt>

<https://www.facebook.com/grooveurbano/>

<https://www.facebook.com/groovehouseoficial/>

ANEXOS

CONTRATO DE PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS E CONCESSÃO DE USO DE PROJETO GRÁFICO

Pelo presente instrumento particular, de um lado, (NOME), (PROFISSÃO), portadora do RG nº (NÚMERO) e inscrita no CPF sob o nº (NÚMERO), residente e domiciliada à Rua (rua), (número), (bairro), (CEP), (cidade) – (Estado), doravante denominado simplesmente CONTRATANTE; e, de outro lado LUIZA CHUERI MARCONDES, designer, portadora do RG nº 49.684.636-X e inscrita no CPF sob o nº 405.364.208-66, residente e domiciliada à Avenida Nações Unidas, 18-59, apartamento 22, bloco E, Jardim Panorama, CEP 17012-202, Bauru-SP, doravante denominada simplesmente CONTRATADA; e, em conjunto, denominadas "PARTES".

CONSIDERANDO QUE:

- I. A CONTRATADA presta serviços gráficos para a elaboração e execução de trabalhos de criação e desenvolvimento de projetos;
- II. A CONTRATANTE tem interesse em contratar os serviços objeto deste contrato (o "Contrato"), os quais serão prestados pela CONTRATADA, de acordo com as condições abaixo:

CONDIÇÕES GERAIS

Cláusula 1ª. O objeto deste contrato tem como escopo o desenvolvimento de Projeto Gráfico (o "Projeto"), conforme descrito abaixo:

- a) Criação de projeto gráfico;
- b) Diagramação de capa e diagramação miolo de 1 (um) livro-texto de dimensões 160x230cm;

- e) 4 (quatro) ilustrações digitais a serem aplicadas no produto final.

Parágrafo primeiro. Para que a CONTRATADA possa executar os trabalhos de criação e desenvolvimento do Projeto referido na cláusula acima, a CONTRATANTE deverá fornecer detalhamento do projeto pretendido, preferencialmente por escrito, contendo os produtos e serviços sobre os quais e para os quais os trabalhos serão realizados.

Parágrafo segundo. Os serviços ora contratados não englobam a execução material do Projeto, tais como: impressão, fabricação e instalação efetiva do design, fotolitos, terceiros, fornecedores de estúdio, fotógrafo, redator, tradutor, revisor, entre outros.

Parágrafo terceiro. A CONTRATANTE atesta que possíveis materiais, trabalhos, textos e/ou criações anteriores que forem fornecidos por esta, para serem utilizados pela CONTRATADA no desenvolvimento do Projeto, são de sua propriedade e não possuem quaisquer tipos de irregularidade, ilegalidade ou defeito de qualquer natureza.

Parágrafo quarto. Os documentos mencionados na cláusula anterior são de inteira responsabilidade da CONTRATANTE, não podendo ser a CONTRATADA responsabilizada por quaisquer irregularidades decorrentes desses materiais.

Cláusula 2ª. A partir da assinatura deste contrato, os seguintes materiais serão entregues à CONTRATANTE pela CONTRATADA, de acordo com os referidos prazos:

a) Materiais descritos de a) a c), em até 9 dias após a assinatura do contrato.

Parágrafo único. A CONTRATANTE terá o direito de solicitar à CONTRATADA que altere a visualização final do material por até 2 (duas) vezes, desde que justificados os motivos pelos quais o fez.

Cláusula 3ª. Uma vez aprovado o projeto pela CONTRATANTE, esta autoriza a CONTRATADA a utilizar o resultado final com a finalidade específica de divulgação e publicidade, por prazo indeterminado.

Cláusula 4ª. Pela prestação de serviços referidos na cláusula 1ª, caput, a CONTRATANTE pagará à CONTRATADA a importância de R\$ 530,00 (quinhentos e trinta reais), da seguinte forma:

- 50% (cinquenta por cento) do valor total, equivalente à importância de R\$ 265,00 (duzentos e sessenta e cinco reais) até o dia 22/10/2019;

- 50% (cinquenta por cento) do valor total, equivalente à importância de R\$ 265,00 (duzentos e sessenta e cinco reais) até o dia 01/11/2019;

Parágrafo único. O atraso no pagamento da CONTRATADA pela CONTRATANTE não justificado e não sanado em até 10 dias úteis, implicará na penalidade de multa moratória de 20% (vinte por cento) do valor total, além dos juros legais de 1% (um por cento) ao mês.

Cláusula 5ª. Os honorários e prazos acima estabelecidos serão revistos e reestabelecidos pela CONTRATADA no caso em que ocorrerem:

- a) Alterações no pedido ou na complexidade do trabalho;
- b) Alterações nos prazos estabelecidos decorrentes de atraso por parte da CONTRATANTE na entrega de materiais, no fornecimento de informações pertinentes ao pedido ou em aprovações necessárias ao desenvolvimento do trabalho;
- c) Modificações no projeto executivo (artes-finais, desenhos técnicos, memoriais etc.) que venham ser solicitadas após a aprovação do anteprojeto (layouts, estudos, mock-ups etc.);
- d) Aplicação do projeto em outras peças, que não as especificadas no Contrato;
- e) Solicitação de alteração dos materiais pela CONTRATANTE que superem o limite de números de pedidos de alteração, conforme mencionado na cláusula 2ª, parágrafo único;
- f) Aperfeiçoamento ou readaptação do Projeto que extrapole a concepção original.

Cláusula 6ª. Aplicam-se ao relacionamento entre CONTRATANTE e CONTRATADA, além das normas estabelecidas pelo Código Civil, também as da Lei nº 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Cláusula 7ª. Tendo em vista que a CONTRATADA detém os direitos autorais sobre o Projeto, fica ressalvado que qualquer alteração no projeto original desenvolvido pela CONTRATADA somente poderá ser realizada com a anuência expressa e estrita desta.

Parágrafo único. Qualquer uso do trabalho que não tenha sido estabelecido neste contrato não poderá ser feito sem o consentimento de ambas as partes durante o prazo de vigência

deste contrato, sendo obrigatória, ainda, a inclusão do crédito do autor.

Cláusula 8ª. Todo material cedido pela CONTRATANTE para o desenvolvimento do trabalho será a ela devolvida, após o término deste contrato. Igualmente, os materiais utilizados na apresentação dos projetos não aprovados pertencem à CONTRATADA, desde que não tenham sido fornecidos pela CONTRATANTE, caso em que a este serão devolvidos.

Cláusula 9ª. A CONTRATADA agirá segundo as normas do Código de Ética Profissional do Designer Gráfico, e também assume a obrigação e o compromisso de manter em sigilo todas as informações que lhe forem prestadas pela CONTRATANTE para que possa proceder ao desenvolvimento do projeto gráfico, assim como em relação ao trabalho em desenvolvimento.

Cláusula 10ª. Quaisquer das Partes poderá rescindir injustificadamente o presente contrato em até 15 (quinze) dias, a contar da assinatura deste contrato, sem que haja qualquer penalidade a estas.

Parágrafo primeiro. Ultrapassado o prazo mencionado na cláusula acima, a parte que optar por rescindir o Contrato deverá indenizar a outra parte no valor de 50% (cinquenta por cento) do valor total do Contrato.

Parágrafo segundo. A penalidade mencionada no parágrafo acima não se aplica em caso de rescisão decorrente de justo motivo, estando a parte que deu causa ao pedido dispensada de qualquer penalização, sem prejuízo do ressarcimento dos custos proporcionais decorridos do desenvolvimento do Projeto.

Cláusula 11ª. As Partes concordam que após a entrega do último material pela CONTRATADA e o pagamento da última parcela pela CONTRATANTE, será automaticamente dada a mais ampla, geral, irrestrita e irretroatável quitação, não mais sendo possível reclamar de quaisquer questões oriundas deste contrato.

Cláusula 12ª. As Partes elegem o foro da comarca de **Bauru** para dirimir eventuais litígios porventura oriundos deste contrato, com exclusão de qualquer outro foro, por mais privilegiado que seja.

E, por estarem assim justos e contratados, firmam o presente instrumento em duas vias de igual teor e forma, na presença de duas testemunhas, que igualmente subscrevem.

Bauru, 22 de outubro de 2019.

CONTRATANTE
(NOME, RG E CPF)

LUIZA CHUERI MARCONDES
RG: 49.684.636-X
CPF: 405.364.208-66



Thábata Camargo

Virginiana de nascença e unespiana de coração. Ainda não sabia andar mas já estava mexendo ao som do bati-dão. Sempre gostou de ouvir uma boa história, encontrou no Jornalismo, a liberdade de ecoar as belezas e o entusiasmo de viver.

Vandressa Veline

De Vandressa a Dj Kimpossible, essa geminiana que nunca conseguiu decidir entre comer Mc ou BK, escolheu o Funk para amar. Sua raiz não esconde, é da quebrada, se orgulha e com seu jeitinho camaleoa de ser, e mostra que há muito mais mágica no fazer jornalismo do que podemos ver.

Antes de tudo, vem o Caos

Funk Carioca. Funk Ostentação. Funk 150 BPM. Brega Funk. Eletro Funk. Funknejo. Pop Funk. Funk Putaria. Funk Proibidão.

Em 40 anos de história, ouvimos o desenvolver da música raiz da favela, da música que envolve e encanta todo o morro. De lá, foi se aconchegando em outros lugares, conquistando novos territórios.

Nem mesmo o preconceito foi capaz de conter essa explosão. Em meio ao caos, no Caos se fez presente. Um espaço representante da música eletrônica da elite de Campinas se aventurando por um mundo divergente.

Thábata Camargo e Vandressa Veline

Funk, a trilha sonora do Caos

Thábata Camargo
Vandressa Veline

FUNK.

a trilha sonora
do Caos

O ritmo da periferia em uma casa
noturna da elite de Campinas

FUNK.

a trilha sonora
do Caos



Thábata Camargo
Vandressa Veline

FUNK.

a trilha sonora
do Caos

O ritmo da periferia em uma casa
noturna da elite de Campinas

Redação do Texto

Thábata Camargo

Vandressa Veline

Revisão

Thábata Camargo

Vandressa Veline

José Carlos Marques

Orientação

José Carlos Marques

Projeto gráfico-editorial e diagramação

Luiza Marcondes

Ilustração e capa

Luiza Marcondes

Camargo, Thábata.

Veline, Vandressa.

Funk, a trilha sonora do Caos: O ritmo da periferia em uma casa noturna da elite de Campinas/Thábata Camargo e

Vandressa Veline

Bauru, 2019. 80 páginas.

Trabalho de Conclusão de Curso, Modalidade de Produto

Universidade Estadual Paulista.

Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Bauru, 2019.

1. Funk 2. Baile 3. Elite 4. Caos 5. Groove House

“Ela tá dançando no
embalo do meu som

Ritmo envolvente
quando toca geral
sente o tamborzão”
MC Koringa

*Para aqueles que veem
no Funk uma forma de
resistência, de amor, de
representatividade e cultura.*

SUMÁRIO

<i>Prefácio</i>	11
<i>I. A Casa</i>	19
<i>A Gerência</i>	25
<i>A Festa</i>	31
<i>O Público</i>	36
<i>O Camarote</i>	40
<i>As Redes Sociais</i>	43
<i>II. As Equipes</i>	48
<i>A Segurança</i>	50
<i>O Bar</i>	53
<i>A Limpeza</i>	57
<i>III. O Desarranjo</i>	60
<i>As Atrações</i>	62
<i>O Show</i>	65
<i>IV. O Conflito</i>	69
<i>Dicionário da Quebrada</i>	75



AGRADECIMENTOS

1603. Adriana Carrer. Alicia Miatto. Andrew Veline. Angelita. Armenuy Calaigian. Bernardo Camargo Carrer. Brendhal Gner. Butters. Carina Soares. Carlos Eduardo da Silva Camargo. Carolina Freire. Carolina Lacerda. Cleber Carrer. Danilo Lysei. Dayane Tamashiro. Diego Dias. Família Veline. Felipe Xavier. Gabriel Castanho. Gabriel Vicente. Grupo Família. Grupo La Casa Di 12 Ragazze. Grupo R de Original. Grupo Tchukas. Grupo VAMO PEGAR 1S GATA. Hayla Lima Fernandes. Helena Ortega. Heloisa Camargo. Isabela Catini. Isabela Chen. Isabela Lima Fernandes. Israel Lima. Jacqueline Nusch. Jamille Boueri. Josafá Fernandes. José Domingos Veline. Joyce Calaigian. Julia Corradini. Laís Fukuda. Louise Cursino. Luan Britto. Lucilaine Veline. Luick Cardoso. Maria José. Mariana Cajado. Marina Debrino. Marluce Maria da Silva Veline. Mateus Guirelli. Matheus Araujo. Matheus Souza. Merilyn Cabral. Natalina Veline. Natan Lima Camargo. Nathália Cunha. Naumteria. Nayá Leite. Neusa Camargo. Rafaela Fabrício. Raphael Leno. República CaboCaki. República Mafu. República Taj Mahal. Ricardo Magalhães. Rodrigo Barroso. Samir Abdalla. Saranus Lima Camargo. Sofia Hermoso. Sofia Pelliciari. Thaís Marlet. Thiago Cruz. Unesp Bauru. Vartanus Lima Fernandes.

PREFÁCIO



*Funk Carioca. Funk Ostentação.
Funk 150 BPM. Brega Funk.
Eletrô Funk. Funknejo. Pop Funk.
Funk Putaria. Funk Proibidão.*

Em 1970, as primeiras batidas começam a tomar forma. Um misto de referências internacionais que nunca pararam de evoluir e de somar outros toques. Soul, Disco, Black, Hip Hop, e Miami Bass foram os grandes influenciadores do ritmo carioca como experiência musical.

De início, eram traduções livres de Raps americanos. Aos poucos, foi abraçando-se, contemplando a identidade e a origem de quem os cantava. Tornou-se reflexo da realidade dos morros, do viver na favela.

Conquistou adeptos fiéis, uma comunidade fortalecida por conhecer as mesmas dores, por sentir na pele o preconceito e o afastamento. A periferia nunca foi só uma questão de localização na cidade, e sim de distanciamento social.

Eram invisíveis. Depois, os gritos de pertencimento cantados no Funk trouxeram olhares preocupados com a força que o discurso poderia gerar. Um microfone capaz de lapidar opiniões e direcionar mais de um milhão de pessoas dentro de uma comunidade.

De festa popular à ameaça pública. Em seu tempo, o Funk foi censurado tanto quanto o samba em 1945. As manifestações ligadas a negros, pobres e moradores do subúrbio provocam um incômodo na sociedade conservadora, que os classifica como “vadios” e “desocupados”. A diversão do próximo, quando vinda da favela, perturbava, mexe com os sentimentos orgulhosos e egocêntricos da elite.

“Fica definido que o Funk é um movimento cultural e musical de caráter popular.” Quase quatro décadas após o nascimento do Funk, um brado de resistência em forma de lei (Lei Estadual N°5543/2009) no Estado do Rio de Janeiro. Foi a primeira vez que um registro oficial ecoou a voz do ritmo nativo carioca.

Em 2013, São Paulo também apresentou um posicionamento oficial em relação ao ritmo. Foi instituído o 7 de Julho como o Dia Estadual do Funk (Lei N° 16.310/2016), forma de reconhecimento legítimo do Funk como manifestação cultural e digna do zelo do poder público.

Contra as perspectivas do movimento, a ascensão dos bailes de pancadão cresceu exponencialmente, até que, na virada do século XXI, um personagem se destacou e apresentou o ritmo para a grande audiência.

Com uma batida que misturava o Hip Hop, o Eletrônico e sons típicos da música brasileira, Fernando Luís Mattos da Matta, o DJ Marlboro, ficou conhecido por levar o “funk carioca” para todo o país.

Foi a primeira vez que um DJ recebeu notoriedade em rádios e na televisão. DJ Marlboro foi convidado a discotecar no Programa da Xuxa, onde tocou por 4 anos.

Montou seu próprio show de talentos, o Furacão 2000, onde abria espaço para novos artistas do Funk se apresentarem. O evento fez tanto sucesso que ganhou espaço e programa próprio na Central Nacional de Televisão, a CNT.

Protagonista da popularização do Funk em nível nacional, o projeto Furacão 2000 permitiu a difusão do ritmo além das fronteiras da periferia, atraindo jovens de classe média e alta.

Um episódio marcou a virada desse reconhecimento. Pela primeira vez, um artista representante do Funk foi convidado a se apresentar na festa mais popular do ano,

o Réveillon em Ipanema, na virada de 2006 para 2007. Mais de 1 milhão de pessoas assistiram DJ Marlboro subindo ao palco, o mesmo em que se apresentou John Legend e a banda americana Black Eyed Peas.

Este capítulo demonstrou uma interação e uma mistura entre classes diante de um público que não consumia o Funk abertamente. O ambiente enérgico enfraqueceu por um momento o preconceito em relação ao estilo, “brancos” se divertiam e cantavam a trilha sonora da favela, observados pela raiz do estilo, com olhares curiosos e irônicos por verem sua música apresentada para tanta gente.

O Funk foi apresentado em proporções inimagináveis de pessoas. O estilo que antes era visto e vivenciado apenas pelos subúrbios do Rio de Janeiro alcançou patamares cada vez mais altos na sociedade. Como um camaleão, o gênero musical se camuflou por todos os estados, se revelando de Brega Funk ao Funk Ostentação.

Crescendo nos anos 2000, amadurecemos junto ao Funk, conhecemos suas primeiras batidas e acompanhamos sua evolução. O batidão foi motivo de broncas dos pais que, vindos de outra geração, não entendiam as “palavras feias” que cantávamos.

A faculdade foi a oportunidade de entrar para esse mundo de peito aberto, sem preconceitos, sem julgamentos

de pessoas próximas, sem vergonha de assumir simplesmente que gostamos de Funk.

Entender sua base, sua trajetória e os caminhos que o Funk tomou atualmente, foram as motivações para o estudo de caso que compõe esse livro.

Enquanto os bailes funk se espalhavam por todo o Brasil, nos jogamos pelo interior de São Paulo para conhecer o Funk na região onde se mantinha firme a tradição do Sertanejo.

A cidade de Campinas sempre foi uma grande representante da cultura sertaneja. Seja em seu sotaque, nas modas de viola, ou nos grandes nomes desse estilo que surgiram por lá, o cenário era completamente dominado pela música caipira.

No mesmo milênio, explodiam duas vertentes opostas: de um lado o “Furacão 2000”, de outro o “Sertanejo Universitário”.

Em 2017, nascia o Caos, uma alternativa contrária aos grandes shows de “modão” que enchiam as noites campineiras. Com a proposta de inserir a música eletrônica na região, a casa abriu suas portas para um público esquecido até o momento.

“Caos nasceu de um desejo de ir além, revisitando nosso passado, reverenciando nossas influências, mas sempre mantendo o olhar para o futuro.”

O futuro surpreendeu, ressignificando o espaço urbano para criar experiências desconexas do que acreditávamos se encaixar no galpão industrial que deu origem à casa noturna.

Seria possível um lugar representante da elite de Campinas se abrir para um gênero musical nascido na periferia? A mescla de estilos musicais e de pessoas nos levou a conhecer a realidade que estava sendo criada naquele espaço.

Antagônicos do início ao fim, favela e elite, Sertanejo e Eletrônico, Eletrônico e Funk. A experiência revela que há motivações e planejamentos além do que podemos enxergar na superfície.

1. A CASA

caos

/ca.os/

1. Nas narrativas e teorias cosmogônicas e nas mitologias que antecedem o surgimento da filosofia, vazio primordial que teria precedido a criação do Universo;
2. Estado em que predominam a confusão e o desequilíbrio totais;
3. Descontrole, transtorno;
4. Comportamento imprevisível e aparentemente aleatório

Era um grande galpão industrial, todo cinza por fora, cinza como a cor do asfalto, cinza como a cor de uma parede recém-rebocada, à espera de algo a construir. O dia estava cinza como o céu nublado, o cenário não convergia para um ambiente de festa.

A cor cinza é a mistura da cor branca com a cor preta; a primeira simboliza todas as cores juntas, e a segunda, nenhuma delas. Era exatamente assim a sensação do nosso primeiro encontro, nós com o Caos.

Esta primeira impressão se desfez por completo no momento em que entramos no recinto. Havia cores por todos os lados. Arte refletida nas paredes, no teto, por onde a vista alcançava. O ambiente climatizado se distanciava do calor de fora. Passávamos por portas como se passássemos por um labirinto, quanto mais portas mais informações, pois não se tratava apenas de uma casa noturna.

Em uma escadaria que parecia infinita, cinco diferentes artistas passaram por lá e deixaram sua marca. A sensação do cinza desaparecia a cada degrau.



Duas portas se opõem diante de nós, nos levando a escolher um dos caminhos. À esquerda, duas salas separadas por janelas de vidro, cadeiras e duas grandes mesas de reunião, com papéis espalhados pela mesa, resquícios de planejamentos para a noite que ainda viria.

A equipe se preparava para o evento, a tarde ainda seria longa para eles, com toda a estrutura a ser montada: reposição de bebidas, organização da lista de entrada, passagens de som, realocação dos móveis de acordo com o público esperado. Nos rostos, a cansaço e a certeza de um trabalho bem feito.

À direita, uma ampla sala abrigava a mesa de sinuca, uma geladeira com bebidas exclusivas e sofás confortáveis. Apesar de toda a comodidade, o detalhe mais encantador do espaço era a ampla janela com vista para a imensidão do galpão abaixo. Estávamos no camarim.

Destinado a hospedar artistas e convidados, é refúgio do caos que acontece no andar inferior. Sem renunciar a visão privilegiada, acima de todos.

Artistas locais, internacionais, amigos, apenas de passagem ou frequentadores, nada foi comprado, e sim compartilhado. Compartilhar sentimentos em forma de tinta, cores, desenhos, grafite, até criações em fita adesiva compõem o espaço.

Tanta criatividade é resultado de um ambiente aberto para experimentar. O que começou como uma casa de música eletrônica, aos poucos se abriu para novos estilos, novos públicos, novos artistas e novos mercados.

O nome da casa que nos recebe gera uma curiosidade. Caos. A palavra significa estado de completa desordem, confusão. O encontro de diversidade, desde as paredes até a música que toca, traz sentido ao nome. Não que essa fosse a ideia inicial.

O estilo industrial da fachada se completa com o restante da estrutura. O espaçoso galpão tem traços rústicos, com pouca decoração. Bancos feitos de concreto, e bares construídos com pedras compõem o ambiente. Ao mesmo tempo, dizeres espalhados pelas paredes, com gritos de diversidade e respeito, nos levam à uma sensação de modernidade cultural, de acolhimento.

Mal sabíamos que dali a algumas horas aquele espaço cinza, decorado conceitualmente, explodiria em tons de azul e rosa.

A Gerência

A apaixonado por música eletrônica, o empresário Juka Pinsetta encontrou no gerenciamento de casas noturnas uma forma de unir trabalho e hobby.

Eli Iwasa. Mulher, 43 anos, DJ e empresária. Do escritório às noites badaladas, dos estúdios de gravação à gerência de sua própria casa noturna. Foi pioneira no cenário Techno brasileiro, desde o final dos anos 1990, quando as mulheres ainda não tinham espaço para se destacarem nesse meio.

As carreiras consolidadas dentro do mundo EDM (Electronic Dance Music) e a mente aberta à novos desafios fizeram esses empresários se unirem para o surgimento do Club 88, em 2013, no Salão no Jockey Club. Um salão tombado como patrimônio histórico, encantador por sua própria estrutura.

Quatro anos mais tarde, juntos, ressignificaram um antigo galpão usado na indústria siderúrgica, o Caos. Em

apenas dois anos desde sua inauguração, transformaram um galpão industrial abandonado em um dos destinos mais procurados por fãs da música eletrônica.

Ela, responsável pela curadoria dos artistas que tocam nas noites de música Eletrônica. Sua visão artística construiu o nome da casa aliando à programação, jovens talentos à nomes consolidados, “Gosto de apostar em artistas que tem um trabalho interessante, mas que nem sempre são tão conhecidos do público”.

Ele, apesar dos bloqueios pessoais em relação a outros estilos musicais, conseguiu adaptar tanto a si como seus empreendimentos às necessidades do mercado, “Eu penso no Caos como um todo, conforme os projetos vão crescendo a gente vai adaptando e fazendo acontecer”.

Juka e Eli acreditaram nas ideias de um estudante de economia. André Barbério idealizava levar para Campinas um som diferente. Até então, a cidade ecoava o Sertanejo.

André é quem nos recebe no Caos. Exaltava simpatia e bom humor. Nem tivemos tempo de nos apresentar e já precisamos correr com nossas cadernetas e lápis em mãos, o jovem empreendedor falava de forma tão empolgada e orgulhosa de seu trabalho, que não queríamos o interromper.

Nascido em Campinas, se encaixou no estilo das festas da capital, São Paulo. Eram festas de personalidade e estilo únicos, o Hip Hop consolidado trazia uma atmosfera até então carente em sua cidade natal, “A gente precisa levar isso para Campinas!”.

Em 2014, fundou a Groove Urbano, um evento para celebrar a cena do Hip Hop em Campinas. Música e arte em um único lugar, como uma intervenção urbana.

Foi uma oportunidade para estar em festas onde ele se sentia confortável, fazer o rolê à sua forma. Foi como fazer festas para si e para seus próprios amigos. E, de quebra, fazer uma grana.

Encontrou no Club 88 e, posteriormente, no Caos, um espaço para dar voo à criatividade. Gradativamente, foram surgindo novas reflexões e vontades de se abrirem para novos desafios.

A ideia de expandir um cenário autêntico para a região trouxe um cuidado maior com o público, com a cultura, com os artistas e com a marca que a festa deixaria.

“Fidelizamos um público, mas queríamos conquistar outro”. No começo, se aventuraram por uma mistura entre estilos, percebendo que rappers, como o WC no Beat, conquistavam espaço criando som em parceria com MC’s do Funk.

Cinco anos depois, a Groove Urbano se transformou em Groove House. André percebeu que, sozinho, não poderia ir muito além do que já havia construído com a label de Hip Hop. Convidou, então, amigos também envolvidos com produção de eventos para se concentrar em uma nova tendência, o Funk.

Começaram aos poucos, testando o mercado. “É o Rap, é o Funk” concretizou a tendência, trazendo artistas tanto do Hip Hop quanto do Funk.

“O Funk e o Rap já estavam unidos há um tempo, mas o Funk veio com essa explosão, com uma força popular enorme. No Funk, conseguimos agregar uma galera que curte sertanejo, e que não viria em uma festa de Hip Hop.”

A ideia foi crescendo, se desenvolvendo, a equipe da Groove House percebeu que poderia ganhar muito mais público, mais dinheiro, mais notoriedade, se consolidasse um baile próprio.

Imagine um lugar representante da música Eletrônica, com uma equipe de produção apaixonada pela cultura

do Hip Hop, decidindo se reinventar, provar um novo cenário, se permitindo englobar um estilo tão distinto, o Funk.

“Cada noite e cada público servem para enriquecer nosso trabalho, nosso aprendizado e a experiência que podemos oferecer ao público”.

"Funk U, Funk
Tu, Funk a
p**ra toda!"

A Festa

Além da decoração simplista e natural da Caos, detalhes em azul e rosa vivos chamavam a atenção. As cores fortes representam o novo, um motivo especial de ser.

O espaço estava tomado por cartazes com letras de funks antigos, a nostalgia se fez presente nesse instante. Detalhes que representam a essência do que é o Funk em si. As letras, a batida, o som característico, são capazes de cativar e encantar ouvintes de diferentes ritmos.

O cenário nos fez sentir como voltar ao tempo, lembranças de uma época repleta de passinhos, como se estivéssemos ouvindo naquele momento os clássicos que marcaram a juventude dos anos 2000.

A ousadia nas letras, que não impede o balançar do corpo nem o cantar a plenos pulmões.

“Ritmo envolvente, quando toca,
geral sente o tamborzão”

“Libera a energia e vem pro
salão”.

Esse é o Funk. Um estilo impactante, envolvente, “som de preto, de favelado, mas quando toca ninguém fica parado”, como dizia DJ Marlboro.

A noite no Caos começou cedo, uma grande faixa nos recebia logo na entrada. “Funk U, Funk Tu, Funk a P**ra toda!”. Era seu nome estampado onde todos pudessem ver: Funk U.

Às 9 horas um montante de carros e pessoas começaram a se aglomerar em frente ao galpão, levando suas próprias bebidas e carros com sons altos. A festa costuma se iniciar do lado de fora, o som dos carros já previa as músicas que iriam tocar lá dentro.

Apesar das características próximas a um baile Funk de rua, o que se via não era nada parecido.

A galera chegava de Uber ou com seu próprio carro, o estacionamento na rua era guardado por cerca de cinco homens bem vestidos, por menos de R\$ 30 não se



FUNK U, FUNK TU, FUNK A PRA TODA!**

parava por ali. Mas o público que frequenta o Caos não se arrisca a parar distante, querem aproveitar a noite sem preocupações, deixando esse serviço nas mãos de outras pessoas.

Mulheres com salto alto, roupas de couro, paetês, brilhos; homens com roupas de marca, perfumados, com acessórios, se juntavam em grupos aguardando a abertura da casa.

A organização impedia que a movimentação do lado de fora pudesse crescer. O controle constante é uma forma de evitar problemas com as autoridades e incentivar o consumo do lado de dentro.

Por outro lado, a regulação da fila também é uma forma de marketing. Dá-se a impressão de que há muita gen-

te querendo entrar, mesmo que a casa ainda não esteja lotada.

Às 10h, o Caos se abriu. Algumas dezenas de pessoas estream a pista de dança. O primeiro DJ é residente das noites de Hip Hop promovidas pelo local, sua playlist fugia de sua zona de conforto, mas soube dar conta da ansiedade dos primeiros a chegar.

A expectativa pelo batidão logo de início foi quebrada pela música do subúrbio de Nova York. O Hip Hop deu início a noite, mas não teria mais espaço ao longo dela.

A partir de então, as oito horas seguintes se repetiram num looping de hits iguais e repetidos. Os sets semelhantes não foram capazes de prender a atenção de quem esperava pelos destaques da noite.

Perto da uma hora da manhã, a primeira grande atração entrava no palco. A plataforma baixa permitia uma proximidade entre artista e seu público, uma interação que não era bloqueada por seguranças. Havia, de certa forma, uma barreira invisível ali; apesar da sensação de liberdade, ultrapassar os limites gera punições truculentas e humilhantes.

A espera pela atração principal não foi capaz de prender a energia dos presentes. Muitos abandonaram o recinto

antes do grande show, a sensação de vazio aumentava a cada hora. Uma sensação inexistente em bailes de rua, onde os primeiros raios de sol assistem a empolgação infinita dos envolvidos.

A realidade cultural do Funk aplicada na periferia é distinta quando deslocada para lugares frequentados pela elite. Não é possível recriar a mesma atmosfera; perde-se em conteúdo, em forma, em energia, em identidade. O resultado nunca será o mesmo.

E talvez nem seja esse o intuito. Apropriam-se de algumas características convenientes dos bailes de favela, mas nunca dele todo. O objetivo não é ser como um baile, mas lucrar como ele.

A Funk U foi uma festa que, somente em sua primeira edição, lotou uma casa com 800 pessoas. A primeira Groove Urbano, de Hip Hop, movimentou 260 pessoas.

Acertaram em deixar o Funk brilhar por si só? Possibilidades, desafios e incertezas de um ritmo nascido na periferia para se encaixar em diferentes esferas sociais.

O Público

O espaço particular do Caos destoa dos ambientes abertos e dentro das comunidades onde o Funk nasceu e se instalou.

A organização de bailes em espaços fechados, em bairros valorizados de Campinas, como Barão Geraldo e Cambuí, com a cobrança de entradas a um preço elevado, se direciona para um público com maior poder aquisitivo.

De um lado, o Funk se espalha e cresce em sua origem, nos bairros periféricos, onde o movimento é na rua, em carros de som turbinados pelos próprios moradores, uma batalha de melodias, vence o mais alto.

De outro, caixas de som potentes não disputam espaço com outros ruídos, bebidas importadas iluminadas por sinalizadores, homens guardando a segurança dos frequentadores (ou da casa), pessoas são divididas por preços, vence quem paga mais.

Salto alto, paetês, couro, roupas de marca, maquiagens carregadas, celulares sempre em mãos. O importante é mostrar que está se divertindo. Em bailes realizados para a elite, como o que acontece no Caos, a imagem distribuída nas redes sociais é primordial, ostentar é regra e ser notado é o foco.

A imagem também é importante nos bailes tradicionais periféricos, mas nada se destaca mais do que a própria música. É explorar o corpo por meio do Funk, é sentir cada batida e a representar com movimentos. Movimentos esses que se transformam em tendência, em passinhos. É mais do que estar, é viver a cultura do ritmo.

Em linhas mercadológicas, faz sentido agregar o máximo de pessoas possível. “Eu acredito que, para conseguirmos viabilizar festas maiores e com artistas grandes do Eletrônico e do Hip Hop, nós precisamos nos abrir um pouquinho para o público comercial também. Porque o Funk é lucrativo”.

No entanto, a preocupação inicial da produção da Funk U, era encontrar uma forma de atingir um público selecionado com afinidade ao estilo, “Nosso público alvo é o universitário, classe A e B, de 18 até 30 anos”. Uma triagem minuciosa para “proteger” um rótulo.

E conseguiram. Nem mesmo um ritmo com forte apelo

popular como o Funk conseguiu abrir espaço para a comunidade da periferia em uma casa de diversão de gente rica da zona sul.

Essa impressão se confirmou conforme foram chegando as primeiras pessoas na noite de Funk do Caos. Estávamos em meio à pessoas brancas, jovens, bem vestidas, arrumadas, representantes de um padrão classe média alta, destoante das letras e descrições do próprio Funk.

O padrão idealizado exclui grande parcela de possíveis frequentadores da Funk U, pessoas que têm apreço por artistas do Funk, que gostam das músicas, mas não se sentem bem-vindas por pertencerem a outra realidade, por não conseguirem bancar o estilo de vida apresentado pela casa.

A decoração, os gastos com equipes de limpeza, de bar, seguranças e atrações encarecem o evento e condicionam quem consegue frequentar a festa.

A própria data do evento, desenhada para acontecer às quartas-feiras, dificulta o acesso de quem tem uma rotina de trabalho diária. Por exclusão, aqueles que possuem janelas maiores de lazer, como universitários e financiados por terceiros, podem ter o privilégio de participar.

O perfil de amores e aventuras cantadas no Funk fazem

parte do cotidiano da favela. Mas, quem as vive, quem aproveita o show e se apropria momentaneamente disso é a elite de Campinas. Fora do Caos, assim que o MC sai de cena, é esse mesmo público o primeiro a sentir repulsa pela versão real do descrito nas melodias.

O Camarote

O grande salão preto tinha janelas enormes, só deixavam passar a luz do sol, mas não permitiam a visão para lado de fora. Um vidro turvo que nos isolava do mundo exterior.

Altas, as janelas pareciam inalcançáveis para nós, andando por entre a pista de dança ainda vazia; porém, se encontravam ao alcance de pessoas que passavam por uma estrutura erguida de concreto.

Na arquitetura, espaços elevados denotam condições de destaque. São estruturas que evidenciam privilégios e confortos a mais, diferenciados do ambiente comum. Como padrão os ambientes são setorizados, dividindo quem paga mais.

Os camarotes da Funk U realçam socialmente aqueles que os frequentam. Mesmo que a postura de superioridade seja apenas uma questão superestimada, sem valor. Se formos numerar, não existem tantos benefícios que

justifiquem a cobrança de um preço elevado apenas para se sentir exclusivo, em um outro patamar.

É, basicamente, uma questão visual, construída socialmente. O som, as bebidas dos bares, o acesso ao fumódromo e aos banheiros são os mesmos em todos os setores. Estar acima é assumir uma posição de poder e status.

Há tempos, espaços considerados exclusivos já não são mais tão exclusivos assim: quase metade da casa é dedicado às áreas (VIPS.)

Ou seja, com proporções estruturais iguais, se dissolve a identidade de poder. Mesmo assim, a ideia imaginária de soberania não diminui a busca por esses espaços.

Estar em evidência: são detalhes como a pulseirinha diferenciada, bares separados da área comum, conforto de sofás, a proximidade com DJs e atrações.

Dentro do próprio camarote, pulseirinhas de diferentes cores dão acesso a espaços cada vez mais exclusivos e excludentes. O setor atrás do palco concentrava o maior número de pessoas, pagaram R\$ 3000 para estarem ali, bem visíveis atrás do DJ. Pessoas produzidas por profissionais, maquiagem, cabelos e roupas impecáveis disputavam olhares de fotógrafos e do restante da festa.

Ao lado direito do palco, havia um ambiente dedicado aos organizadores da festa e seus convidados. Passadas as horas de festa, o camarote estava lotado de pessoas, um clima desconfortável de aperto contrário ao proposto

Estar no melhor lugar da casa, ao fim, não entrega o que foi prometido idealmente. É uma guerra de egos, de status e de querer ocupar uma posição ilusória acima de outros.

É visível como os camarotes também criam uma cultura onde estar presente não é o suficiente, é necessário mostrar em redes sociais, fazer “stories” em Instagram e postar foto no Facebook.

A própria decoração da Funk U é um motivador para o excesso de flashes. Cartazes pendurados nas paredes com letras de funks antigos e quadros com gritos de respeito à diversidade são fatores em alta, instigantes para fazer um registro do momento.

Todo mundo quer dar o “close” certo.

As Redes Sociais

Se é nas redes sociais que a festa realmente acontece, sua divulgação é ainda mais forte nesse contexto. Celulares em mãos e flashes tomavam o ambiente. Os próprios frequentadores fazem o marketing para o Caos.

E o costume não é incomum.

Jogadores de futebol, atrizes e atores, apresentadores de TV, bloggers, cantores e cantoras são grandes influenciadores dos hits de Funk. Seguidos por milhões de pessoas, um único vídeo é capaz de viralizar uma música, colocá-la nas dez mais tocadas em menos de 24 horas.

Os hits em alta na boca do povo são os mesmos que estampam a playlist da Funk U. Muitos deles surgiram nesse processo de divulgação indireta, realizada mais “naturalmente”, como que por acaso.

Quando pensamos em um evento, os influencers locais são responsáveis por movimentar a cidade, direcionar

seus seguidores para espaços em alta. A divulgação é sutil, feita como um convite pessoal, que instiga e nos leva, sem perceber, a querer estar onde eles estão.

As páginas em Facebook e Instagram da Caos, da Funk U, da Groove Urbano e da Groove House são o braço de toda a estrutura que movimenta os “rolês”.

Os eventos criados no Facebook são formas de interação, uma forma de levar o público para as casas. É uma cadeia progressiva, onde a cada convidado que os “promoters” chamam, cada um deles convida outras dezenas de pessoas.

As publicações incentivam o contato com a página por meio de sorteios, promoções e listas de entrada. Por lá, também se descobre as atrações da festa, divulgadas com suspense, instigando a ansiedade de quem é fã com repertório de artistas do gênero musical que ama.

No funk, essa ansiedade aumenta de acordo com as músicas que estão em alta. Os “hits” que estão na ponta da língua são observados de perto pelos produtores da Groove House. A cada edição da Funk U, o repertório reflete o sucesso de um novo MC.

Em dois anos de fundação, o Caos mobilizou 53.344 pessoas em suas redes sociais. Menos expressiva, a jovem

Funk U, a dois meses de sua criação, conquistou 930 likes.

O número de seguidores se manifesta de maneira diferente ao analisar as duas redes sociais. Ambos possuem cerca de 50% a mais seguidores no Instagram do que no Facebook. Caos, 31.300 mil seguidores. Funk U, 588 followers.

As abordagens particulares de cada rede social separam estratégias e motivos pelos quais os usuários as procuram. O Facebook traz consigo um lado mais informativo, os visitantes o procuram para checar datas, horários, atrações e convidados. O Instagram é mais imediatista; é procurado para se ter um feedback instantâneo do que está acontecendo. Saber quem está presente é motivador para também estar no mesmo lugar.

Já consolidadas, as redes sociais do Caos lembram sua própria estrutura física: sóbria, minimalista, conceitual, subjetiva. O trabalho artístico reflete as cores acinzentadas do lugar, conversam com a decoração criada em conceito industrial e são resultado da presença forte da música Eletrônica. A tipografia é geométrica, simples, material, fria. A construção da identidade visual foi arquitetada com detalhismo, cuidado e precisão.

Em oposição, a Funk U parece não se encaixar no estilo

defendido com tanta solidez pela casa que a abriga. Com cores vibrantes, um visual fluido, artistas estampados nas artes, a identidade visual caminha para a cultura popular. A tipografia é acolhedora, em tons quente, chamativa. A sensação é de um visual planejado para passar a mensagem com eficiência, sem ser subjetivo.

O momento mais esperado, é o de revelar os registros dos eventos. Fotógrafos profissionais observam atentos a movimentação, e captam o momento energético da festa. Essas fotos alimentam as redes sociais tanto do Caos quanto da Funk U.

Mais do que interação, as fotografias revelam estilos diferentes, de público e de profissionais.

Para o Caos, os retratos são editados com filtros em tons azulados, mais frios; os retratados não posam para as fotos, são pegos em momentos espontâneos. Os enquadramentos revelam rostos mais maduros e sérios, de 25 a 45 anos.

Sempre em oposição, às imagens da Funk U mostram uma confraternização entre amigos, com fotos posadas, cheias de gente em sintonia com o fotógrafo, que edita sua arte com filtros quentes, alaranjados. São pessoas jovens, de 18 a 30, despreocupadas, com sorrisos largos estampados no rosto.

A diferença significativa não se dá apenas pelo tempo de criação das páginas, mas também nas diferentes abordagens dedicadas a cada um, que também interferem nas reações de quem assiste do outro lado da tela. São reflexos de mundos diferentes e encontros de personalidades.

No fim, apesar dos esforços para trazer uma comunicação mais próxima à classe C e D, que se identificariam com a Funk U, o mesmo não acontece. As manifestações e interações continuam representando a já fidelizada elite do Caos.

Se houve negros e pobres presentes, vestindo o clássico “uniforme” do Funk (tênis Nike, óculos Juliet e polo estilizada), eles não apareceram nas fotografias divulgadas nas páginas oficiais do (rolê.)

2. AS EQUIPES

equipe

/e.qui-pe/

1. Conjunto de dois ou mais indivíduos que, juntos, tomam parte de um time

2. Grupo de pessoas organizadas para um serviço determinado

É a parte essencial de tudo, é a transformação de um projeto em realidade, são as pessoas que botam a mão na massa para fazer a Funk U se concretizar na íntegra. De uma forma, ou de outra.

A Segurança

A sala de reunião, à tarde tão lotada de pessoas e projetos, agora se encontrava vazia. A festa já havia começado e, de cima, apenas um funcionário controlava pelo notebook o fluxo da Funk U. Quem entrava, quem saía, se eram homens ou mulheres, pessoas reduzidas a um número monitorado a distância.

Cada colaborador estava em seu posto, pronto para resolver qualquer (B.O) que pudesse acontecer lá embaixo. Interrompemos a turbulência da equipe para conversarmos com o responsável por gerenciar outras 15 pessoas encarregadas da segurança do Caos.

Wayne Cardoso é chefe de segurança de uma empresa terceirizada. Há anos, trabalha em parceria com as casas administradas por Juka Pinsetta. Alto e forte, sua postura era capaz de intimidar qualquer um.

Cerca de 1500 pessoas são assistidas por 15 homens que cuidam de toda a segurança interna. A distribuição é de

um segurança para cada cem visitantes. Proporcionalmente, é um número baixo quando se trata do cuidado e preocupação com quem frequenta o evento. Se comparado, porém, a outras festas dentro e fora do Caos, é uma contratação mais numerosa.

Sua equipe conta com duas mulheres. Um número contraditório se pensarmos que o público maioritário da Funk U é feminino. Por outro lado, o machismo se revela em um detalhe. O chefe de segurança ser representado por um homem é uma forma de impor respeito no lugar, garantir a ordem; o mesmo não aconteceria se esse cargo fosse de uma mulher.

É uma forma, também, de se protegerem. Evitar problemas em relação à truculência da ação de conter uma briga quando esta é entre mulheres, “Em uma briga entre mulheres, nenhum segurança homem pode intervir, porque corremos o risco de machucar alguém. Uma ação mais truculenta pode causar problemas judiciais.”

Impulsionado pelo pré-conceito em relação ao público característico de um baile funk e com receio das letras que retratam abusos e aproximação com atividades criminosas, há uma mudança nítida no planejamento e abordagem na segurança.

Para a Funk U, a casa se prepara com mais força em re-

lação à contratação de seguranças, a equipe é maior em relação à outros eventos no Caos.

A postura mais firme e preparada adotada pela equipe de segurança, é uma forma de garantir a integridade da casa. Quanto mais bem vigiada, os frequentadores tendem a causar menos problemas ao estabelecimento.

É uma preocupação física com a propriedade privada, disfarçada de atenção ao bem-estar de quem a frequenta.

A preocupação com a imagem da casa é um fator determinante para toda essa estrutura planejada. O que ficou nítido para nós, que assistíamos de perto toda a movimentação na noite, era que o bem-estar do Caos em si mais valia do que as vidas presentes.

O Bar

Eles aguentam uma movimentação caótica por mais de oito horas. Suportam cantadas inapropriadas, atitudes grosseiras, e a impaciência de quem quer um copo de bebida pra já. A equipe de bar é, com certeza, a que está mais próxima e tem o contato mais direto com quem frequenta as festas no Caos.

Danielly Matarazzo é chefe dos bares da casa, administra cerca de 20 bartenders durante toda a festa. Conhece de cor as preferências e costumes de cada público nos diferentes eventos promovidos pela casa.

A distribuição é de um barman para cada 75 visitantes. Se comparado, o número de seguranças presentes na festa era de um a cada cem pessoas. Uma diferença significativa, mas que ficava cada vez mais fácil de compreender conforme o lugar ia se enchendo.

O bar foi o primeiro lugar procurado por quem chegava à Funk U, o primeiro a lotar de gente. Os barmans traba-

lhavam cada vez mais frenéticos para atender o público tão eletrizante.

A importância dessa equipe é tanta que não havia um momento de tranquilidade para conversar. Com o rádio comunicador sempre à escuta, Danielly se mantinha atenta para manter na linha o atendimento e a reposição de bebidas nos freezers.

As diferentes noites no Caos seguem um padrão de consumo que se identifica com a personalidade das músicas tocadas em cada evento.

O Eletrônico, por seu ritmo acelerado, instiga o uso de bebidas energéticas, vodca e água. No Sertanejo, por outro lado, é representante da música de bar, de encontro com os amigos, e de sofrer pela amada na companhia de um copo cheio, o que motiva ao consumo de bebidas fermentadas, como a cerveja.

O Funk, principalmente o originado no estado de São Paulo, tem uma tendência bem particular. A partir de 2008, as letras se voltaram ao dinheiro e à ostentação. Ostentar carros, bebidas, mulheres, correntes de ouro, mansões. O padrão paulista começou a mostrar em seus videoclipes o estilo de vida a se seguir, a almejar.

MC Guimê, MC Rodolphinho, MC Daleste e Nego Blue,

artistas destacados do movimento, transformaram o uísque em protagonista da noite. Garrafas eram exibidas como troféus, uma bebida representante de poder. O retrato da luta de meninos da favela que alcançaram um alto padrão, se igualaram à uma vida vista como só pertencente à elite.

Em dias de Funk U, o bar se enche de garrafas com líquido caramelo, cada dose aumenta o valor da comanda em R\$ 25, “É um público totalmente diferente, que consome muito. A galera que frequenta festas de funk não tem medo de gastar. Quanto mais se consome, mais status você tem.”

A sensação de exclusividade gerada por um copo de bebida cara na mão, se maximiza em espaços como camarotes, que têm bares especiais, com acesso somente para quem pagou mais para estar ali.

Para quem trabalha como barista, o estilo musical tem influência na forma como são tratados. O imediatismo e pressa dos funkeiros para terem seus desejos saciados, determina uma abordagem mais impaciente, que se agrava a cada dose ingerida.

Potencializa-se o sentimento de “paguei por isso”. Com a falsa impressão de poder gerada pelo consumo da bebida, perde-se a empatia e só se enxerga o funcionário como uma máquina a seu serviço.

A sensação de poder que o álcool oferece e o status gerado por estar consumindo bebidas caras, são resultados da apropriação de personagens encenados nas letras e clipes de Funk. A consequência são manifestações de impaciência e falta de empatia com o trabalho do próximo, assistidas tanto no bar quanto em outros serviços oferecidos pelo evento.

A Limpeza

Nosso primeiro contato com Jaqueline, Neuza e Douglas, foi no andar abaixo do camarim e da sala de reuniões. Atrás da escadaria de entrada, havia uma pequena salinha, em que mal cabiam os três em pé. Sentados em banquinhos desconfortáveis, esperavam a hora de começar o expediente. Sem janelas, o pequeno espaço retangular estava abafado, o ar condicionado não chegava até ali.

Em meio aos materiais de trabalho, baldes, vassouras, nossa conversa se desenrolou. Era o momento ideal, depois que a festa começasse, seria difícil encontrá-los e ouvi-los com tranquilidade. Mesmo naquele lugar, a proximidade com a pista de dança e a acústica ruim impediam uma comunicação mais clara

Discretos, a equipe de limpeza trabalha intensamente, além das oito horas de festa. Uma jornada que começa bem antes do primeiro convidado chegar ao Caos.

Normalmente, são invisíveis aos olhos de quem se diverte. Um trabalho não reconhecido, mas que é pauta de reclamação quando inexistente.

Foram pegos de surpresa quando questionados sobre suas preferências, sobre sua opinião, “Como assim? Por que na verdade a gente só trabalha aqui mesmo”. Normalmente, eles não são convidados a opinar.

Acostumados à apatia do público da música eletrônica, a equipe de limpeza do Caos encontrou na Funk U um conforto nas horas de trabalho, “Por mais que venha mais pessoas, é melhor para trabalhar”.

Destacaram a simpatia e o tratamento respeitoso que receberam, um certo carinho e gratidão pelo função que realizam, “Vem bastante gente bem simpática, as meninas vem ver a gente no banheiro... É verdade, elas elogiam bastante a gente, nosso trabalho”, contam.

Para o trio, o funk trazem uma identificação, uma aproximação com um som já presente em seu repertório. Ao contrário de uma festa eletrônica, o gênero traz melodias e letras conhecidas, a facilidade para cantá-las faz o tempo parecer passar mais rápido, “A música tem letra, então a hora passa voando, agora quando é eletrônico...”.

Por suas percepções, os frequentadores estão tão preo-

cupados com os passinhos de dança que deixam em segundo plano os copos de bebidas. Essa pequena mudança de atitude diminui consideravelmente a sujeira que é gerada normalmente.

Quem olha de fora, pode até achar que o batidão traria confusão e desordem. Um pré conceito que se desfez com a fala sincera da equipe mais próxima ao público. Certas particularidades só são desvendadas pelos olhos de trabalhadores em posição inferiorizada socialmente.

A sensação de empatia sentida por Jaqueline, Neuza e Douglas durante a Funk U, é resultado da proximidade em relação ao ritmo, de ser mais suportável trabalhar ao som de algo que eles reconhecem.

A possibilidade de cantar em seu próprio idioma, músicas que estão na ponta da língua, diminui a impressão de incômodo e cansaço no trabalho, mesmo que o público em si não seja tão diferente de outras noites no Caos.

3. O DESARRANJO

desarranjo

/de.sar.ran.jo/

- 1. Situação de algo que não funciona*
- 2. Estado de mau funcionamento*
- 3. Falta de ordem, desordem, desalinho, desarrumação*

As Atrações

Dois mundos distintos decidiram se unir: Caos e Groove House, o Eletrônico e o Hip Hop, despertaram para o fenômeno que é o Funk.

Em questão de público, o estilo nascido no Rio de Janeiro supera em número a lotação de qualquer festa já realizada por ambas as empresas. A terceira edição da Funk U, a primeira realizada na Caos, superou as expectativas, tanto da produção, quanto da casa.

A Caos comporta 1.500 pessoas. Trazendo atrações em alta no momento e no meio do Funk, DJ GBR e PK Delas foram os convidados da terceira edição, que conquistou uma lista de espera com mais de sete mil nomes, 5 vezes a lotação máxima.

DJ Henrique de Ferraz, DJ R7, DJ GBR, PK Delas, MC Fioti e MC JottaPê. Artistas vindos de todo o estado de São Paulo, com mais de quatro shows por noite, passaram pela Funk U.

Com apenas 17 anos, Gabriel, o DJ GBR, não tem canal próprio no YouTube – uma das maiores plataformas de vídeos do mundo, nem perfil no Spotify – plataforma de *streaming* musical mais popular no Brasil. Isso não o impediu de ser o artista pioneiro de uma nova era para o Funk. Com tem 37 mixagens autorais lançadas no SoundCloud, o DJ conseguiu reunir duas vertentes que antes não se misturavam, lotando casas noturnas com remixes entre Música Eletrônica e Funk.

Uma semana antes do lançamento da série brasileira Sintonia, da Netflix, seu protagonista apresentava na Caos a versão abasileirada de um sucesso americano. João Pedro Carvalho, o MC JottaPê, de 19 anos, ousou ao lançar uma versão Funk da música Country “Lil Nas X – Old Town Road (Official Movie) ft. Billy Ray Cyrus”. A releitura lançada pelo MC, “Sentou e Gostou”, alcançou mais de 82 milhões de visualizações no YouTube, a versão original tem cerca de 340 milhões de views.

Leandro Aparecido Ferreira, o MC Fioti, de 25 anos, ex-ajudante de pedreiro, cantou e produziu sozinho o vídeo com maior número de visualizações do Brasil no YouTube. Desde o lançamento de “Bum Bum Tam Tam”, nenhuma outra música conseguiu atingir ou superar a mesma marca do sucesso, com 1,3 bilhões de views. Fioti se inspirou em uma música clássica para a compor, é possível identificar na canção um trecho de “Partita em Lá Menor”, do alemão Sebastian Bach.

MC JottaPê e MC Fioti, ambos apadrinhados por Konrad Dantas, o KondZilla, alcançaram o sucesso por conta de um fator bem sutil, mas que faz a diferença em um país tão conservador como o Brasil. Dono do canal brasileiro com maior número de inscrições no YouTube, e 10º canal com maior visualização a nível mundial na mesma plataforma, o detalhe em suas produções são pequenas adaptações que suavizam as letras. O “filtro de palavrão” retira das letras de funk palavras obscenas mais explícitas.

Na noite da quarta edição da Funk U, os dois grandes nomes da KondZilla se apresentariam para um público reduzido, menor do que o esperado pelo Caos.

Um erro de timing nas fases dos artistas deixou uma lacuna difícil de ser preenchida. Desde 2017, MC Fioti não conseguiu emplacar mais nenhum hit, ficou para sempre à sombra do eterno “Bum Bum Tam Tam”. O recém lançado MC Jottapê, só faria sucesso duas semanas mais tarde, com o lançamento da série da Netflix, *Sintonia*.

Ambos com apenas uma música estourada, mas não no ápice da fama. Um descuido fatal para a casa, que não conseguiu realizar o mesmo sucesso da terceira Funk U, onde mais de 7 mil pessoas se mobilizaram ansiosas para o evento.

O Show

Quem já frequentou shows de artistas do Funk, está familiarizado com o pouco tempo de apresentação de DJ's e MC's.

A Funk U não foi exceção. Duas grandes atrações eram o chamariz da noite. Para os presentes, o horário da aparição era desconhecido, o que aumentava a expectativa e o clima de surpresa, a qualquer momento o palco seria invadido pela voz do momento.

O palco era bem intimista, próximo das pessoas, alcançável. Aos poucos, o pessoal se concentrava à sua frente, buscando um lugar privilegiado para assistir aos shows. O tempo passava e a cada hora um novo DJ enrolava um novo set para driblar a ansiedade da galera.

A demora para o primeiro artista entrar era tanta, que nos perguntávamos se ele realmente viria. O que não é incomum. As pessoas já estão habituadas ao MC não comparecer de última hora.

No Funk, a contratação de artistas fica muito no “boca a boca”. A agenda maleável e a efemeridade na programação dos eventos diários, impede uma rotina de contratos inflexíveis. Conforme a demanda vai surgindo, os empresários vão agendando.

Três, quatro, cinco apresentações por noite, o Funk vende mais datas do que qualquer outro estilo musical. O grande número de shows compromete uma fidelização do artista com o evento para o qual foi contratado, os imprevistos acontecem com frequência, seja por culpa e “dias ruins” do próprio artista, como adversidades externas.

O Caos estava acostumado a lidar com artistas e gerenciadores do Hip Hop, onde as contratações são realizadas com antecedência, com contratos rígidos, validados por ambas as partes, em um processo longo e lento, porém assertivo e seguro.

“O Hip Hop leva para um lado mais profissional. Não existe show se não houver contrato”.

Duas grandes produtoras controlam a maioria dos artistas do Funk. Divididos em KondZilla e GR6, a contratação de qualquer MC’s passa por um desses dois escritórios.

“Se você contrata um MC e não tem nenhum problema durante o evento, os próprios produtores passam a entrar em contato com a Agência semanalmente para oferecer os artistas disponíveis. Sempre é um artista ligado a GR6 ou a KondZilla, e isso facilita muito a contratação.”

A atenção é voltada a aproveitar o momento de fama, fazer o máximo de shows e presença em eventos possíveis.

O gênero se consolidou, mas, por outro lado, os artistas nem tanto. A fama é instável, muitos se consagram como cantores de um (hit) só, em alta por um tempo determinado.

A troca entre quem está no topo, entre qual música é sucesso, é constante e frenética. A falta de um repertório consolidado cria apresentações enxutas e repetitivas, que não chegam aos 60 minutos de show.

A produção da Funk U, acostumada aos sets mais extensos do Hip Hop e da música Eletrônica, precisou se adaptar para atender à rotina agitada dos personagens que fazem o (bailão).

“Eles tocam duas, três vezes a mesma música que está estourada, depois completam o show com hits de outros artistas. Eles vendem 40 minutos de música, isso assusta até.”

O clima de incertezas foi subitamente interrompido por sinalizadores e chuva de confetes. No palco, um menino de 19 anos, aparentando certo nervosismo, cantava seu único hit de sucesso.

A reação do público talvez justificasse o nervosismo inicial. Depois da primeira música, o empolgação da plateia caiu drasticamente. O restante do show foram batidões “emprestados” de outros colegas de profissão.

Assim como chegou, rapidamente se foi. E o público, cansado da demora para a próxima atração, aos poucos esvaziava o Caos. Uma cena que jamais seria vista em um autêntico baile de favela.

4. O CONFLITO

conflito

/con.fli.to/

1. Encontro de coisas que se opõem ou divergem
2. Elemento determinante da ação que consiste na oposição de forças

A luta para que o Funk fosse reconhecido, não somente como gênero musical popular, mas como grande potencial de cultura e mercado, conquistou dimensões importantes a partir de seu deslocamento para áreas nobres da cidade.

A grande repercussão do estilo, a visibilidade que vinha ganhando na mídia, o crescimento de artistas que nasceram e cresceram no Funk, combinados com a tecnologia que possibilitou a difusão de músicas rapidamente e sem precisar sair de casa, foram fatores determinantes para que a música se multiplicasse em diferentes e diversas esferas sociais.

O Caos é exemplo disso. Em sua inauguração, jamais se imaginaria que um dia o grande galpão industrial reformado poderia abrigar bailes de favela. Que sócios ligados pessoalmente à música eletrônica poderiam se abrir para um estilo tão diferente. Que produtores de festivais de Hip Hop se voltassem à concretização de eventos integrais de música Funk. Que a cidade do Sertanejo teria espaço para o ritmo nascido no Rio de Janeiro.

O movimento mostra muita força, em constante crescimento e adaptação, um potencial tão grande que conseguiu desprender mentes antes bloqueadas para o estilo.

De uma forma ou de outra, o Funk veio para ficar. E se tornou uma questão de necessidade estar preparado para receber seus fiéis adeptos.

Um ritmo impossível de ignorar, de não cantar, de não dançar.

O Caos e a Groove House deixaram sua marca no Funk em Campinas. Se permitiram inovar e expandir para o desconhecido e, até certo ponto, fora de seus contextos originais.

A sensação que fica é de estar como um estranho no ninho. A música está presente, mas falta tanto. Faltam detalhes que encantam e fazem o Funk ser a imensidão cultural que é. Falta o baile, a comunidade, a raiz.

O estilo está tão em evidência que o mercado acredita ser fácil se apropriar disso. Mas o Funk é grande, é resistência, é impossível de reproduzir fora de contexto.

Um estilo com tantas faces como o Funk acendeu a curiosidade do antropólogo Hermano Vianna. Em 1987, iniciou um estudo sobre o estilo e suas peculiaridades.

Se adentrou por esse mundo, mas sempre se considerou como um mero expectador do baile, consciente de não pertencer ao mesmo grupo.

“Tudo é uma questão interpretativa, tradução de tradução, sutis relações de poder entre inúmeros pontos de vista, os vários meus, sempre conflitantes entre si, e os vários deles”.
(VIANNA, Hermano. 1987, p.9 - 10).

Ou se traz tudo, ou não se faz baile.

A seleção classicista do Caos, por si só, já o isola de estar próximo à realidade do Funk.



Dicionário da quebrada

Rolê:

Passear, dar uma volta, andar sem preocupação nem compromisso, festa, evento.

Fazer uma grana:

Ganhar dinheiro.

Label:

Rótulo, uma marca.

Zona Sul:

Região da cidade classificada como privilegiada, elitizada.

Bancar:

Sustentar, fazer papel de algo.

VIPS:

Do Inglês, Very Important People, que significa pessoa muito importante.

Viralizar:

Termo usual da internet que designa a ação de fazer com que algo se espalhe rapidamente, semelhante ao efeito viral.

Boca do povo:

Estar conhecido, em alta.

Influencers:

Aquele ou o que influencia, ato de levar alguém a mesma ideia, influenciar.

Promoters:

"Vendedor" de ingressos para festas, baladas, shows, eventos ligados a entretenimento.

Hits:

É uma espécie de contador estatístico que acrescenta ponto para um arquivo a cada vez que ele é buscado ou procurado por um site.

Likes:

Curtidas, registro da atividade de gostar de uma publicação nas redes sociais.

Seguidores/Followers:

Que segue algo, seguir alguém nas redes sociais.

Botam a mão na massa:

Significa "iniciar uma atividade", "colocar algo em prática".

B.O:

É uma gíria que vem do significado da sigla "boletim de ocorrência". Significa que algo deu errado, que causou grandes confusões.

Batidão:

Pancadão, Som bom, Som alto.

Timing:

Organização temporal para dar a resposta no momento certo; nem antes, nem depois.

Enrolava:

Demora, atraso

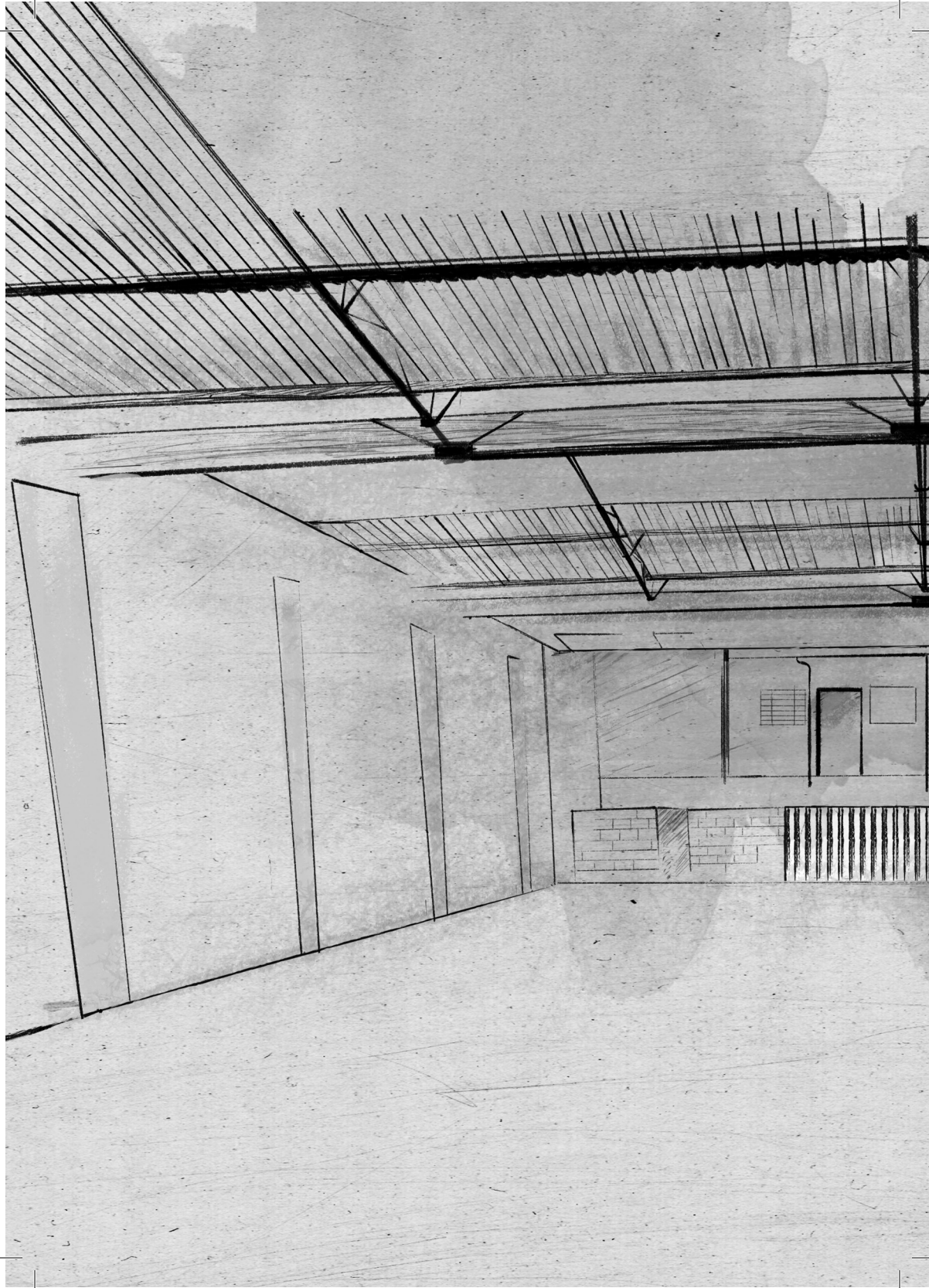
Driblar:

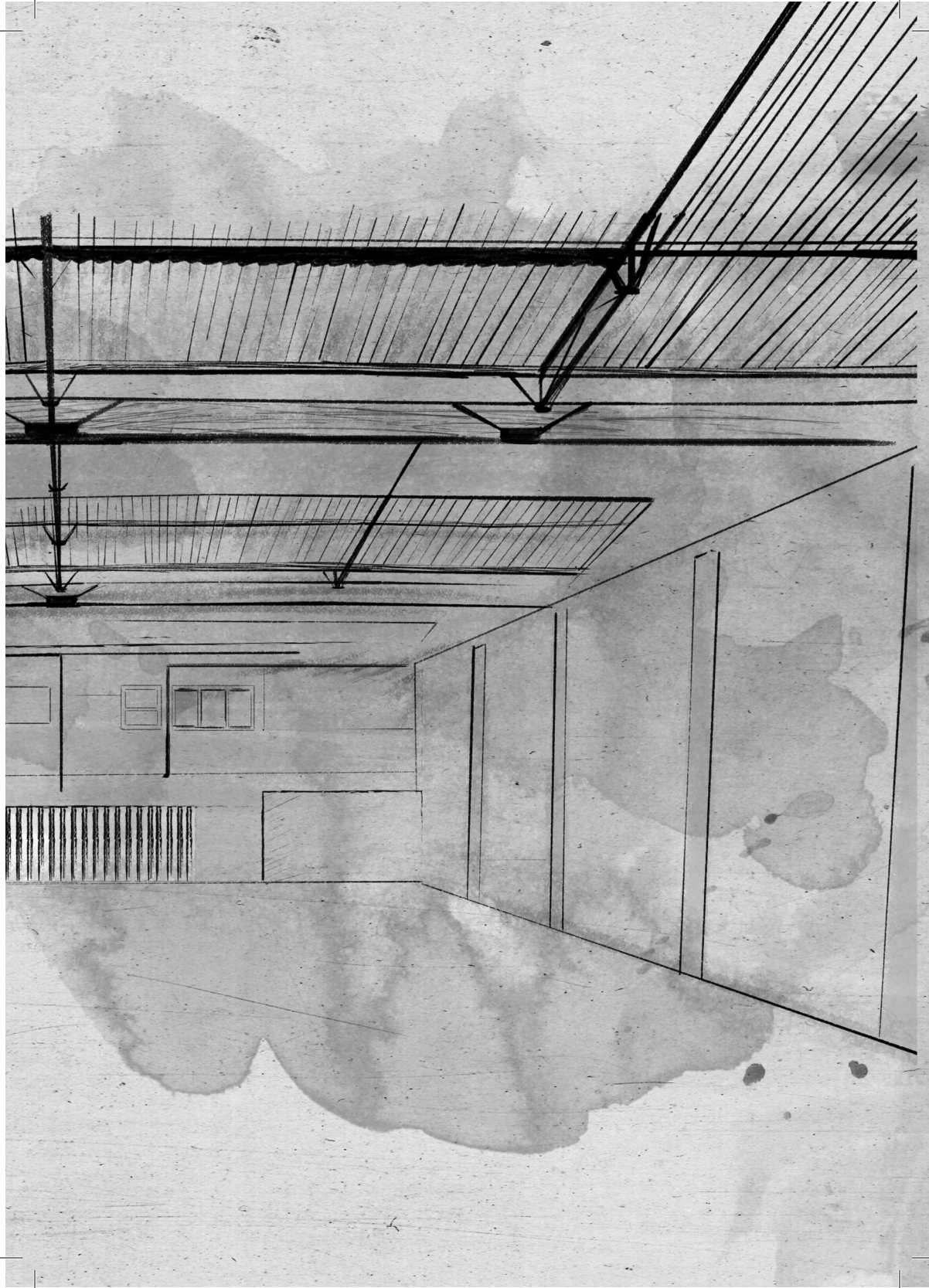
Desviar, evitar, passar.

Bailão:

Baile, reunião festiva na qual se dança.

[The page contains a large, faint, illegible watermark or bleed-through from the reverse side of the paper. The text is mirrored and cannot be transcribed accurately.]





*Este livro foi composto nas tipologias Abel, Aleo, Caveat, Cella,
Oh Now! e Splendid 66, e impresso em papel XXXX pela Gráfica
XXXX, em novembro de 2019.*